



## 03 DE SETEMBRO DE 2015 Quinta-feira

- PRODUÇÃO INDUSTRIAL ENCOLHE 1,5% EM JULHO
- BC MANTÉM TAXA BÁSICA DE JUROS EM 14,25% AO ANO
- ACELERADORA DO ISAE INICIA NOVO CICLO DE APOIO
- MENTORIA AJUSTA PONTAPÉ PARA CRESCIMENTO DE EMPRESAS
- FORÇA SINDICAL: 'DECISÃO DO COPOM COLOCA UMA PÁ DE CAL NA ATIVIDADE ECONÔMICA'
- INÍCIO DE OPERAÇÃO DO 3º LAMINADOR EM MONLEVADE É ADIADO
- PREÇO DO MINÉRIO DE FERRO VOLTARÁ A CAIR PARA MENOS DE US\$ 50
- EVENTO NA CHINA PODE PRESSIONAR COTAÇÃO DO MINÉRIO
- TRAFIGURA GARANTE REESTRUTURAÇÃO DA MMX
- VENDAS DE VEÍCULOS NOVOS TÊM PIOR AGOSTO EM NOVE ANOS
- VENDA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO CAI MAIS DE 10% EM AGOSTO
- CUSTO DA CONSTRUÇÃO PAULISTA TEM LEVE QUEDA EM AGOSTO, DIZ SINDUSCON
- IMPORTAÇÃO ATINGE MENOR NÍVEL DESDE 2010
- ECONOMIA MUNDIAL PERDE FORÇA, DIZ O FMI
- INDÚSTRIA DE DEFENSIVOS PROJETA QUEDA NAS VENDAS MESMO COM SAFRA RECORDE
- VALE OBTÉM LIMINAR PARA RETOMAR MINERAÇÃO DE NÍQUEL EM ONÇA PUMA
- CANADIAN SOLAR, SUNEDISON E CHINESA BYD VÃO FABRICAR PAINÉIS SOLARES NO BRASIL
- ACORDO AUTOMOTIVO COM COLÔMBIA DEVE SER FECHADO NA SEMANA QUE VEM, DIZ ANFAVEA
- CRESCER NÚMERO DE EMPRESAS QUE PERDEM ESPAÇO PARA CONCORRÊNCIA

## CHINESA, DIZ CNI

- DEPOIS DA MERCEDES, OUTRAS 3 EMPRESAS DO SETOR NEGOCIAM ADESÃO AO PPE, DIZ MOAN
- IC-BR DE AGOSTO SOBE 4,43% E TEM MAIOR NÍVEL DA SÉRIE HISTÓRICA INICIADA EM 1998
- ENCOMENDAS À INDÚSTRIA DOS EUA SOBEM 0,4% EM JULHO, MENOS QUE O ESPERADO
- DADOS DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL TRADUZEM RIGIDEZ DO AJUSTE, DIZ ANDRÉ PERFEITO
- CAMEX MANTÉM ZERADO IMPOSTO DE IMPORTAÇÃO SOBRE TRATORES PARA SEMIRREBOQUES
- BMW, AUDI E MERCEDES GANHAM APROVAÇÃO PARA COMPRAR [HERE](#)
- CENÁRIO DA ECONOMIA GLOBAL SE MANTÉM APÓS DUAS SEMANAS DE [TURBULÊNCIAS](#)

<b>CÂMBIO</b> <b>EM 03/09/2015</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,740	3,740
<b>Euro</b>	4,203	4,205

Fonte: BACEN

## Produção industrial encolhe 1,5% em julho

03/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A produção industrial encolheu 1,5% em julho frente a junho, iniciando o terceiro trimestre com fraqueza generalizada entre os setores e reforçando o cenário de recessão pelo qual passa o país. O resultado, divulgado nesta quarta-feira (2) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), veio pior do que o previsto por analistas, cujas projeções variavam entre 0,1% e 0,2%. Foi a maior retração para meses de julho desde 2013, quando o setor caiu 3,6%. Considerando qualquer mês, foi o pior desempenho desde dezembro de 2014 (-1,8%).

Em relação ao mesmo mês de 2014, o setor caiu 8,9%, a décima sétima taxa negativa seguida na comparação com julho do ano passado, o que representa desempenho negativo há quase um ano e meio. No ano até julho, a queda é de 6,6%. Já no acumulado de 12 meses, a indústria tem retração de 5,3%.

“O total da indústria está 14,1% abaixo do ponto mais elevado, alcançado em junho de 2013. Em termos de patamar de produção, é como se estivéssemos em maio de 2009”, afirmou André Luiz Macedo, gerente da coordenação da indústria do IBGE.

### Em baixa

O resultado ruim para a indústria já tem sido observado em outras pesquisas do IBGE. Na última sexta-feira, o instituto anunciou a retração de 1,9% do PIB no segundo trimestre de 2015. Segundo os dados, a indústria contraiu 4,3% em relação ao primeiro trimestre, a pior desde o primeiro trimestre de 2009, quando encolheu 5,9%.

Três entre as quatro categorias analisadas no setor industrial apresentaram resultado negativo frente a junho deste ano. A redução mais acentuada foi de 3,4% dos bens de consumo semi e não duráveis, que engloba alimentos e vestuários, eliminando a expansão de 3,1% acumulada em maio e junho.

A produção de bens de capital e de bens intermediários caiu 1,9% e 2,1%, respectivamente, o que representa para ambos o sexto mês seguido de queda e acúmulo de perda de 17,7% e 4,4%. A única categoria que obteve resultado positivo foi a de bens de consumo duráveis (9,6%), após acumular perda de 25,2% entre outubro de 2014 e junho de 2015.

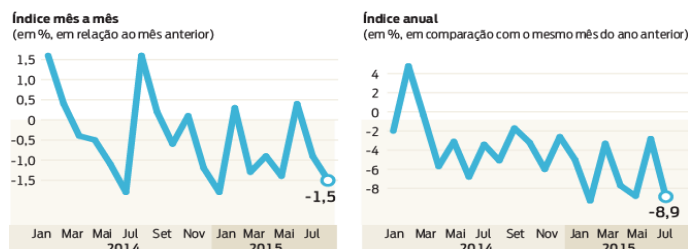
Nem mesmo a valorização do dólar sobre o real – de 38,71% neste ano até terça-feira – deve ajudar o setor no curto prazo, afirmou o economista do IBGE André Macedo. “O câmbio é totalmente incapaz de reverter o movimento de queda da indústria. Ele favorece a indústria, sem dúvida mas não resolve o problema”, resumiu.

### Desaceleração

Para o economista-chefe da Gradual Investimentos, André Perfeito, os dados divulgados dão evidências de que ocorrerá uma desaceleração mais forte da economia nos próximos períodos. “Começamos o terceiro trimestre com o pé esquerdo. Os empresários continuam sem confiança para com a economia brasileira e a tendência é de a atividade industrial só piorar”, afirmou.

#### SEM REAÇÃO

Os indicadores de produção industrial de julho mostram que a desaceleração do setor continua.



#### ÍNDICE ACUMULADO (em %)

Em 12 meses	-5,3
No ano, até julho	-6,6

#### POR GRANDES ÁREAS (em %, na comparação com julho de 2014)

Bens de capital	-27,8
Bens intermediários	-5,6
Bens de consumo duráveis	-13,7
Bens de consumo semi e não duráveis	-9,2

#### POR SETORES (em %, na comparação com julho de 2014)

Equipamentos de informática, prod. eletrônicos e ópticos	-34,8
Veículos automotores	-19,1
Máquinas e aparelhos elétricos	-15,7
Máquinas e equipamentos	-15,1
Produtos de metal	-13
Metalurgia	-7,9
Produtos alimentícios	-7,2
Combustíveis e outros derivados de petróleo	-6,2
Celulose e papel	2,6

Fonte: IBGE. Infografia: Gazeta do Povo.

## **BC mantém taxa básica de juros em 14,25% ao ano**

03/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

O Banco Central interrompeu a sequência de sete altas e manteve nesta quarta-feira (2) a taxa básica de juros (Selic) em 14,25% ao ano, conforme esperado pelo mercado. Declarações de autoridades do próprio Banco Central já apontavam para a manutenção da taxa. Em agosto, Luiz Awazu Pereira, diretor de Política Econômica do BC, afirmou que a taxa básica deve ficar no patamar atual por período “suficientemente prolongado”.

### [INFOGRÁFICO: acompanhe a evolução da taxa Selic ao longo dos últimos anos](#)

A inflação, preocupação maior do BC, deve começar a ceder no terceiro trimestre do ano. O IPCA acumulado em 12 meses até julho foi de 9,56%. Até o fim de 2015, economistas ouvidos na pesquisa Focus, do Banco Central, veem o índice oficial em 9,28%. Em 2016, a estimativa é que o IPCA termine em 5,51%.

Já a Selic deve encerrar 2015 em 14,25%, de acordo com o Focus. Para o próximo ano, porém, a expectativa é que a taxa básica recue para 12%.

No entanto, a recente disparada do dólar eleva as possibilidades de que o Banco Central volte a elevar a Selic nas duas próximas reuniões do Comitê de Política Monetária do BC (Copom) do ano, em outubro e novembro. Desde julho, a moeda americana acumulou valorização de mais de 20%.

### **Atenção aos gastos**

Com a manutenção da taxa básica de juros, a Selic, em 14,25% ao ano, os juros médios cobrados das pessoas físicas serão de 126,61% ao ano (ou 7,06% ao mês), segundo cálculos da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac).

Em junho, o juro médio ao consumidor cobrado nas operações de crédito também foi de 7,06% ao mês (ou 126,74% ao ano).

Com a Selic neste patamar, é preciso ficar mais atento às contas mensais para não se endividar. “Se o consumidor tiver minimamente percepção do cenário econômico, vai diminuir as compras e evitar dívidas”, afirma Eduardo Mekitarian, professor da faculdade de economia da FAAP. Para Mauro Calil, especialista de finanças do banco Ourinvest, a principal dica é não entrar em nenhum empréstimo bancário.

Ao elevar a Selic, o BC tenta conter o aumento dos preços, pois torna os empréstimos mais caros. Com isso, inibe o consumo, o que contribuiria para o controle da inflação. No entanto, com a perspectiva de que os sucessivos aumentos da Selic – foram sete até agora desde a reeleição da presidente Dilma Rousseff – comecem finalmente a afetar o IPCA, a autoridade monetária optaria por deixar a taxa em seu atual patamar.

Além disso, a desaceleração da economia preocupa. O país atualmente está em recessão, condição caracterizada por dois trimestres seguidos de queda do PIB. O indicador de produção industrial divulgado nesta quarta-feira reforçou o pessimismo em relação ao desempenho econômico ao mostrar forte queda de 1,5% na passagem de junho para julho.

### **No radar**

A expectativa de economistas é que a Selic deve voltar a ceder no próximo ano, mas o ritmo da queda vai ser determinado pelo efeito da desaceleração da economia chinesa e a melhora do cenário fiscal brasileiro sobre a taxa de câmbio.

“O cenário negativo das moedas emergentes com a China e a dinâmica recente do real/dólar ‘tiram força’ de recuo da taxa Selic no segundo trimestre de 2016. Nosso cenário base para a flexibilização monetária é de 12,5% até o final de dezembro de 2016”, disse Eduardo Velho, economista-chefe da gestora Invx Global.

A desvalorização do real em relação ao dólar é um dos fatores que pressionam a inflação, que só deve efetivamente convergir para o centro da meta a partir de 2017, afirma o economista do banco americano Goldman Sachs Alberto Ramos.

### **Em agosto, principais economias mantiveram juros estáveis**

Ao manter inalterada a taxa básica de juros, o Brasil teve um comportamento semelhante ao das principais economias do mundo, em um momento de expectativa e turbulência global. Em agosto, 15 de 31 países acompanhados pelo Itaú Unibanco anunciaram decisões de política monetária. Desse grupo, só a China cortou juros (de 4,85% ao ano para 4,6% ao ano) como forma de estimular a atividade doméstica, que dá sinais de desaceleração.

Entre os países que deixaram as taxas inalteradas, estão emergentes como Índia (7,25% ao ano), Indonésia (7,5%) e Turquia (7,5%), que mantiveram juros altos. Na outra ponta do ranking, economias desenvolvidas continuaram com juros próximos de zero. O Reino Unido optou por seguir com juros de 0,5% ao ano, enquanto o Japão manteve taxa de 0,1% ao ano.

O momento de calma é influenciado, entre outros fatores, pela expectativa em relação às próximas decisões sobre a política monetária nos EUA. Daqui a duas semanas, o Federal Reserve (Fed, banco central americano) anunciará se elevará ou não os juros.

### **SEM SURPRESA**

O BC manteve nesta quarta-feira a taxa básica de juros em 14,25% ao ano, em decisão unânime, interrompendo o ciclo de aperto monetário iniciado em outubro do ano passado.

Fonte: Banco Central.  
Infografia: Gazeta do Povo.



### **Aceleradora do ISAE inicia novo ciclo de apoio**

03/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

O Instituto Superior de Administração e Economia (ISAE), de Curitiba, iniciou no último dia 19 de agosto a segunda fase do seu programa de aceleração, por meio do projeto Aceleradora ISAE Business. A iniciativa tem por objetivo apoiar projetos inovadores e empresas startups, em um período de 16 semanas, e expandir o conhecimento e a rede de contatos dos acelerados.

Dezoito projetos se inscreveram para participar da aceleração e seis foram selecionados por uma banca: Aplicativo Brutu\$; Pequenos Empreendedores; Interação pai-escola; Pode Trazer; Amazing Consultoria Empresarial; e Rede de lojas locais interligadas. Serão realizados encontros semanais até o final do ano, junto com mentores, professores e

profissionais do mercado, além de um *board* internacional que servirá de apoio durante toda a aceleração.

“Estamos focando em ideias inovadoras, incentivando o empreendedorismo paranaense. Os primeiros resultados são positivos, e agora queremos expandir o programa”, explica Gustavo Loiola, coordenador da Aceleradora ISAE Business.

Em seu primeiro ciclo, realizado no primeiro semestre deste ano, a aceleradora qualificou três projetos: Carreira de Mulher, Voopyn e HelpRemédio. A startup Carreira de Mulher tem como objetivo promover o acesso ao desenvolvimento profissional de mulheres que desejam construir ou acelerar suas carreiras.

A Voopyn é uma startup de desenvolvimento e inovação com foco na gestão de talentos universitários, enquanto o aplicativo HelpRemédios foi criado para ajudar as pessoas a encontrarem seus medicamentos de forma simples, rápida e prática, com apenas alguns cliques

## **Mentoria ajusta pontapé para crescimento de empresas**

03/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A metodologia de mentorias no mundo dos negócios dá nova interpretação para a máxima “se conselho fosse bom, a gente não dava, vendia”. Comum no ecossistema de startups e novos negócios, em que empresários experientes orientam os empreendedores em início de carreira, a prática também ajuda quem já está na estrada e busca caminhos de desenvolvimento. Neste caso, o conselho será inspirador, e pode ser de graça.

Foi com esse objetivo que o Sebrae e a Endeavor criaram o programa de Desenvolvimento de Empresas de Alto Impacto. Setenta empresários do Paraná e Santa Catarina passaram por monitorias durante os últimos seis meses para identificar gargalos e estabelecer novas estratégias de crescimento. Além de encontros coletivos com empresários e dirigentes de grandes companhias do país, cada um também teve a oportunidade de ouvir os mentores individualmente.

Para os organizadores do programa, esse é um momento em que o alinhamento entre os perfis do empreendedor e do mentor é fundamental para o sucesso da metodologia. “Mais do que a experiência do mentor ser adequada ao modelo de negócio, ambos precisam ter personalidades complementares, que estabeleçam empatia e admiração”, observa Cirineu Rosa, representante da Endeavor no Paraná.

É a troca de experiências e práticas do dia a dia diante dos desafios de uma empresa em fase de expansão que vai ajudar o empreendedor a tomar decisões e ajustar os modelos de operação que pretendem sustentar o desenvolvimento dos negócios. “São dicas que não estão nos livros, estão na vivência de quem já passou pelo mesmo momento, superou problemas e conseguiu acertar”, explica Rosa. A Endeavor aplica a prática de mentoria junto a seus associados e reúne mais de 300 mentores em todo o país.

### **300**

É o número de mentores da Endeavor espalhados por todo o país, que auxiliam tanto empresários experientes quanto aqueles em início de carreira.

### **Visão ampla**

Para o empresário Luiz Otávio Leão, de Curitiba, um dos mentores Endeavor, a prática ajuda o empreendedor a ter uma visão mais geral do negócio, observando as armadilhas que podem existir quando a atenção está concentrada em uma ou duas áreas da empresa. “Em geral, o foco está na produção ou nas vendas. Dificilmente há um olhar

mais amplo, que possa trazer alternativas e evitar estrangulamentos no crescimento. Dar essas orientações é que faz a diferença”, diz. O empresário passou pela direção da Leão Junior/ Matte Leão, e hoje dirige a holding patrimonial da família, a Serra da Graciosa.

Outro aspecto importante no processo de mentoria é sobre a responsabilidade do empreendedor. Diferente da consultoria clássica, em que o plano de trabalho é construído em processos estabelecidos, a mentoria exige uma contrapartida ativa da outra parte. O mentor não assume a responsabilidade pela ação efetivamente. Essa será uma tarefa de quem dirige o negócio, a partir do que for identificado junto aos seus mentores.

“Por isso é importante a capacidade de evoluir nos resultados. A mentoria tem uma característica de inspiração e motivação, e o empreendedor precisa de preparo para identificar como aplicar as experiências e orientações do mentor no seu negócio”, observa o consultor do Sebrae, Emerson Cechin.

### ***Encruzilhada do crescimento traz desafios***

Passar a barreira dos dez anos de atividades não alivia as angústias do empreendedor. Depois de superar os desafios de estabelecer um novo negócio, mantê-lo e desenvolvê-lo vai exigir novas habilidades para ampliar, diversificar e ganhar novos mercados. O empresário Luiz Fernando Natal dirige o Grupo Adrive, especializado em comunicação visual, e decidiu abrir uma plataforma de e-commerce para ampliar os negócios.

“Não tinha nenhum conhecimento na área, mas identificamos como uma boa oportunidade”, diz. A mentoria ajudou a alinhar a estratégia de distribuição, fazendo os ajustes necessários para a operação rodar com sucesso.

Foi o mentor que chamou a atenção para o potencial de alcance do novo canal. A área precisou crescer de um para três funcionários e deve abrir mais duas vagas nos próximos dois meses.

“O desempenho das vendas pela internet surpreendeu. Quando começamos, o e-commerce representava 5% do faturamento e estava dimensionado para corresponder a 20%. Hoje responde por 40%”, diz.

As observações do mentor também mudaram a forma de Hario Tieppo, fundador da Verde Brasil, enxergar o próprio negócio. Fabricante de polpas de frutas orgânicas congeladas desde 2002, há um ano ele iniciou a produção de geleias, de olho na mesma rede de distribuição que havia construído ao longo da trajetória da empresa.

“Estava focado na produção e no canal de vendas. Percebi que faltava comunicar sobre a qualidade e o sabor do meu produto, que poderia ter outro nível de alcance”, conta o empresário.

“Eles sabem muito sobre o próprio negócio, mas uma visão amplificada ajuda a fazer ajustes finos”, lembra o mentor de Tieppo, Luiz Otávio Leão.

### ***Projeto piloto subsidia ação de mentores e prepara terreno para novas edições***

Apoiada na metodologia Endeavor de promover as mentorias entre empreendedores iniciantes, o projeto de Desenvolvimento de Alto Impacto realizado em parceria com o Sebrae é uma atividade piloto que pode ser replicada em outros estados e em novas edições.

A que foi encerrada no último dia 20 de agosto, com a participação de empresários paranaenses e catarinenses, teve duração de seis meses e foi o resultado de uma peneira de mais de 350 empresas avaliadas somente no Paraná.

"O objetivo era identificar empresários com potencial de crescimento e alto impacto e que precisassem ter acesso a novos referenciais de mercado", explica o consultor do Sebrae, Emerson Cechin.

### **Apoio**

Presente no país há 15 anos, a organização Endeavor reúne mentores entre os principais empresários e dirigentes do país, que doam seu tempo e conhecimento em orientações a empreendedores iniciantes.

A maior parte dos programas de mentoria é realizada por meio de parcerias com companhias maiores e entidades de apoio, que garantem o subsídio dos participantes.

A Endeavor também mantém o Promessas Endeavor, em que os empreendimentos com potencial de alto impacto e crescimento se candidatam para as mentorias e podem evoluir para participação no programa Empreendedores Endeavor. Para mais informações, acesse o site [endeavor.org.br](http://endeavor.org.br).

## **Força Sindical: 'Decisão do Copom coloca uma pá de cal na atividade econômica'**

03/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A Força Sindical criticou a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) de manter a taxa de juros Selic em 14,25% ao ano. Em nota divulgada nesta noite de quarta-feira, o presidente da Força, Miguel Torres, afirma que a decisão do Copom "é um escândalo e coloca uma pá de cal na atividade econômica".

Na nota, a entidade destaca o resultado do PIB acumulado neste ano, que já registra um recuo de 2,1%, e da produção industrial, que de janeiro a junho também acumula queda de 6,6%.

"Paradoxalmente, o governo derruba a atividade econômica, os empregos e fecha empresas. Mas, por outro lado, injeta anabolizante no setor financeiro, que está crescendo", critica a Força na nota.

A entidade defende mudanças na política econômica, com adoção de medidas que estimulem o crescimento e potencializem os setores para que o País saia da crise. "A austeridade, cânon dos ortodoxos, beneficia um grupo seletivo e prejudica a grande maioria da sociedade. O ciclo vicioso do corte de gastos, da queda de crescimento e de arrecadação e o agravamento dos resultados fiscais demonstram a 'barbearagem' do governo."

## **Início de operação do 3º laminador em Monlevade é adiado**

03/09/2015 – Fonte: Reuters

Em meio ao momento ruim do setor siderúrgico no País, a ArcelorMittal confirmou ontem que irá postergar a entrada em operação do terceiro laminador da usina de João Monlevade, no Vale do Aço. O equipamento, orçado em US\$ 275 milhões, estava em fase de testes desde março último.

"O adiamento se dá em virtude da necessidade de adequação da produção em um panorama de retração econômica e sobreoferta de produtos", informa, em nota, a companhia. O novo laminador, que entraria em operação ainda neste ano, adicionaria uma capacidade instalada de 1,1 milhão de toneladas anuais de aços longos.



De acordo com o documento, a empresa estuda a realocação dos empregados envolvidos nos testes do equipamento. "Os outros dois laminadores da unidade continuam funcionando normalmente", informa a companhia.

Porém, a Arcelor não dá nenhuma projeção para a retomada das operações do laminador. "A empresa aguardará a evolução do mercado para reavaliar a decisão", conclui.

A possibilidade de adiar o início das operações do laminador foi aventada pelo Chief Executive Officer (CEO) da ArcelorMittal Aços Longos nas Américas, Jefferson de Paula, em julho durante o Congresso Brasileiro do Aço, realizado em São Paulo. Na ocasião, o executivo afirmou que o equipamento poderia ficar parado por um ou dois anos, até que a demanda seja retomada.

Ele explicou que, entre 2011 e 2013, quando a companhia operava com 95% da capacidade instalada, as perspectivas eram de aumento no consumo interno de aços longos em função do boom da construção civil. Dessa forma, a empresa optou pelo aumento da capacidade.

O novo laminador é parte do principal projeto da Arcelor no Brasil, a duplicação da usina de João Monlevade. O empreendimento chegou a ficar cerca de um ano e meio em stand by e foi retomado pela companhia em meados de 2013.

O projeto foi dividido em duas fases. A primeira etapa, que entraria em operação neste ano, compreende a instalação do terceiro laminador com capacidade de 1,1 milhão de toneladas/ano, além da ampliação das usinas de Juiz de Fora (Zona da Mata) e Cariacica (ES).

Já a segunda etapa, ainda em "modo de espera", compreenderá a construção de uma nova sinterização e um novo alto-forno. Além disso, a siderúrgica irá dobrar a produção da aciaria, que alcançará 2,4 milhões de toneladas de tarugos por ano.

Com os investimentos da primeira fase, a ArcelorMittal Aços Longos passará de uma capacidade de 3,8 milhões de toneladas/ano de aços laminados para 4,9 milhões de toneladas/ano.

Mercado - Dados do Instituto Aço Brasil (IABr) mostram que as siderúrgicas instaladas no País venderam 4,957 milhões de toneladas de aços longos no mercado interno entre janeiro e julho. O volume é 10,9% inferior ao registrado no mesmo intervalo do ano passado, quando atingiu 5,563 milhões de toneladas.

Com isso, a produção de aços longos recuou 11% na mesma base de comparação. Foram produzidas 5,713 milhões de toneladas nos primeiros sete meses do ano, contra 6,419 milhões de toneladas entre janeiro e julho de 2014.

Vale - A Vale e o Fundo de Investimento em Participações Multisetorial Plus II concluíram ontem a venda de 36,4% do capital social da Minerações Brasileiras Reunidas (MBR).

O negócio faz parte do plano de desinvestimento da Vale, que, por R\$ 4 bilhões, vendeu a participação na MBR para um fundo de investimento cujas cotas são detidas hoje pelo Bradesco BBI. Segundo a Vale, este valor foi transferido ontem para a companhia em uma única parcela.

Com a conclusão da operação, a Vale ainda é proprietária, direta e indiretamente, de 61,9% do capital total e 98,3% do capital ordinário da MBR.

## **Preço do minério de ferro voltará a cair para menos de US\$ 50**

03/09/2015 – Fonte: InfoMoney

O minério de ferro está se mantendo acima de US\$ 50. Mas não aposte que isso irá durar. A constante expansão da oferta das maiores produtoras do mundo significa que os preços vão cair até o fim do ano, segundo a Capital Economics Ltd. A empresa de pesquisa com sede em Londres se junta a vários bancos, dentre eles o Goldman Sachs Group Inc. e o UBS Group AG, ao prever preços mais baixos.

O ingrediente utilizado na fabricação do aço vai cair para US\$ 50 por tonelada no fim de setembro e para US\$ 45 no fim do ano, disse Caroline Bain, economista sênior de commodities da Capital Economics. O minério com teor de 62 por cento avançou 3,9 por cento, para US\$ 56,04 por tonelada na sexta-feira, segundo a Metal Bulletin Ltd. A commodity subiu 4,9 por cento neste mês, tendo tocado fundo com US\$ 44,59 por tonelada no dia 8 de julho.

“O catalisador para a nova queda estará principalmente no lado da oferta, pois as produtoras australianas continuam aumentando a produção”, disse ela por e-mail. Os gigantes da mineração Rio Tinto Group e BHP Billiton Ltd. estão aumentando a produção para impulsionar os volumes de venda e reduzir custos, expandindo um excedente mesmo com a China, a maior compradora, desacelerando.

Oferta nova

Uma oferta nova aparecerá no mercado na forma de minério da mina Roy Hill de 10 bilhões de dólares australianos (US\$ 7,1 bilhões) da bilionária australiana Gina Rinehart, que iniciará operações neste ano, disse Bain. A Rio Tinto prevê que a nova oferta será de 110 milhões de toneladas neste ano.

O minério de ferro recebeu um impulso nas últimas semanas porque as siderúrgicas da China aumentaram a produção antes dos cortes ordenados pelo governo a algumas usinas para garantir um ar limpo em Pequim no desfile da vitória na Segunda Guerra Mundial no dia 3 de setembro, segundo Wu Zhili, analista da Shenhua Futures Co. em Shenzhen.

O Goldman prevê que o preço médio do minério de ferro será de US\$ 48 por tonelada nos últimos três meses de 2015, segundo um relatório de 14 de agosto. No dia 17 de agosto, o UBS antecipou que a média para o ferro seria de US\$ 51 por tonelada no segundo semestre.

## **Evento na China pode pressionar cotação do minério**

03/09/2015 – Fonte: Valor Econômico

As recentes turbulências enfrentadas pela China, com a desvalorização do yuan e a queda no mercado de ações, aumentaram o cenário de incertezas para os mineradores mundiais. Nos próximos dias, o minério de ferro poderá sofrer uma pressão de baixa como consequência das comemorações, em Pequim, do aniversário de 70 anos do fim da 2ª Guerra Mundial.

O evento, na quinta-feira, deve levar siderúrgicas próximas da capital chinesa a limitar a produção para garantir melhores condições ambientais na cidade, o que tende a reduzir a curto prazo a demanda por matérias-primas siderúrgicas, dizem consultores.

Em um primeiro momento, a desvalorização do yuan não afetou os preços do minério de ferro, um dos principais produtos de exportação do Brasil. Eles têm se mantido acima dos US\$ 50 por tonelada.

Na sexta-feira, o minério de ferro fechou a US\$ 55,50 por tonelada no mercado à vista da China, com alta de 4,13% sobre a véspera. Esta semana, porém, o minério de ferro deve enfrentar nova pressão de baixa, enquanto no médio prazo são esperados efeitos mais significativos da depreciação cambial sobre os preços da commodity.

As exportações chinesas de minério de ferro, coque e produtos siderúrgicos deverão se tornar mais competitivas a partir da desvalorização do yuan. A China é o grande mercado para venda à vista de commodities minerais.

Responde pela demanda de cerca de 70% do mercado internacional de minério de ferro, por 50% das compras de níquel e por 20% das importações globais de carvão metalúrgico. A China tem tradição de operar no mercado à vista (spot), disse um especialista em commodities minerais. "Mas hoje já não é tão fácil como foi no passado vender excedentes de produção [de commodities] para a China não absorvidos por outros mercados", afirmou. Disse que há um arrefecimento de demanda por commodities, como o carvão metalúrgico, no mercado chinês.

Acentuou-se recentemente a discussão sobre a desaceleração da China, que pode estar caminhando para um crescimento na faixa de 5% ao ano, na visão de economistas. Crescimento menor pode reduzir investimentos em áreas como construção civil com efeitos na atividade siderúrgica e, por consequência, na demanda por matérias-primas do aço.

Em recente relatório, a consultora britânica CRU afirmou que os preços das matérias-primas do aço se mantiveram firmes, em julho, apesar de dois grandes "choques" na China: a desvalorização do yuan e uma explosão no porto de Tianjin.

A explosão causou preocupação de que houvesse problemas nos embarques de minério de ferro no porto chinês, o que daria sustentação aos preços da commodity no mercado. Mas na visão da CRU o incidente ocorreu na parte mais ao norte do porto chinês, enquanto os carregamentos de minério de ferro são realizados na seção mais ao sul do porto. Como resultado, a explosão em Tianjin não deve ter efeitos positivos duradouros sobre os preços.

Há ainda outros fatores que podem exercer pressão sobre os preços. Na quinta-feira, o governo chinês vai promover uma grande parada militar em Pequim para comemorar o aniversário de 70 anos do fim da II Guerra e a vitória chinesa contra os japoneses na guerra. No mercado, a avaliação da consultoria CRU é que, para garantir um "céu mais azul", sem poluição, usinas siderúrgicas com fornos elétricos próximas a Pequim terão sua produção limitada, com efeito negativo para a demanda de matérias-primas siderúrgicas, como o minério de ferro, a curto prazo.

Segundo a CRU, as comemorações pelo fim da II Guerra vão injetar alguma volatilidade nos preços do minério de ferro e do aço nas próximas semanas. A consultoria afirmou que a produção de aço chinesa deverá ser reduzida temporariamente com o fechamento de fornos elétricos dentro da programação da parada militar em Pequim, evento que deverá contar com representantes de 49 países e com 30 líderes estrangeiros.

Pieter van Dijk, sócio da KPMG, acredita que o preço do minério de ferro já pode ter chegado ao fundo do poço. Ele não acredita que a commodity possa cair para a faixa dos US\$ 40 por tonelada, mas reconhece que como as condições de mercado são voláteis,

pode haver oscilações nos preços a curto prazo. E o comportamento dos preços dependerá da economia chinesa, diz van Dijk.

Em agosto, o carvão metalúrgico atingiu preços na faixa de US\$ 85 por tonelada. Para a CRU, a situação de mercado do carvão metalúrgico deve levar a novos anúncios de fechamento de minas, cortes de produção e falências no setor na Austrália, nos Estados Unidos e Nova Zelândia. Um analista disse acreditar que os fundamentos do mercado de carvão metalúrgico devem piorar antes de melhorar. A China, uma grande produtora de carvão metalúrgico, não está alavancando a demanda e a situação em outros mercados, como Índia e Japão, também não é de crescimento significativo, comparou.

O analista afirmou que está em curso um processo de redução de custos entre os principais produtores de carvão metalúrgico. Esse movimento é motivado pela desvalorização cambial, como no caso da Austrália, pelos preços do petróleo e de outros insumos e por cortes generalizados nas áreas de vendas e de despesas gerais e administrativas das empresas.

A BHP, o maior produtor global de carvão, conseguiu melhorar suas margens em relação ao lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) mesmo nesse ambiente de preços decrescentes, disse o analista.

Mas na visão dele, considerando que há espaço para mais cortes de custos e levando em conta que existem elevadas "barreiras" para redução na produção é possível que o fechamento de minas não aconteça tão rápido nos próximos meses. "A tendência é claramente de deterioração dos fundamentos [no carvão metalúrgico]", disse.

## **Trafigura garante reestruturação da MMX**

03/09/2015 – Fonte: Valor Econômico

A trading Trafigura tornou-se peça-chave na aprovação do plano de recuperação judicial da MMX Sudeste, mineradora de Eike Batista. No plano, a Trafigura propôs injetar até R\$ 260 milhões em quatro anos para assumir o controle dos ativos minerais da MMX e aumentar a produção de minério de ferro em duas minas da empresa de Eike até 2019.

Do total a ser investido pela Trafigura, R\$ 70 milhões serão pagos à vista, para assumir o controle das minas de Tico-Tico e Ipê, em Minas Gerais. E até R\$ 190 milhões serão aplicados em quatro anos pela trading para retomar a produção dessas duas minas, que estão paralisadas desde que a crise na mineradora de Eike se aprofundou, no ano passado, tendo de recorrer à recuperação judicial para se proteger de credores aos quais deve cerca de R\$ 700 milhões.

"O plano, mesmo com eventuais críticas que possam surgir, tem o mérito de ter conseguido um investidor [a Trafigura] disposto a colocar dinheiro no negócio. A aprovação do plano, portanto, foi excelente em um cenário difícil não só para a empresa [MMX] mas também para o Brasil", disse o presidente da MMX, Ricardo Werneck.

Na sexta-feira, 78% dos credores quirografários (sem garantias) e 100% dos credores trabalhistas presentes na assembleia de credores da MMX aprovaram o plano de recuperação judicial da empresa. Agora, o plano precisará ser homologado pela juíza da 1ª Vara Empresarial do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ-MG), Patrícia Santos Firmo, onde tramita o processo de recuperação da MMX.

Para a Trafigura assumir o controle das minas, será montada uma nova estrutura societária, segregada da MMX. A MMX S.A., empresa listada na BM&F Bovespa e controladora da MMX Sudeste, vai continuar sob o controle de Eike, que tem 57% da

empresa, depois de concluída a reestruturação. A MMX ainda terá alguns ativos como a mina de Bom Sucesso (MG), ainda não explorada, e 30% do Porto Sudeste (RJ), controlado por consórcio formado por Trafigura e Mubadala, empresa de investimentos de Abu Dhabi.

Na assembleia de sexta, estiveram presentes credores quirografários que tinham créditos totais de cerca de R\$ 740 milhões contra a MMX. Pelo plano, a MMX espera arrecadar, ao menos, R\$ 210 milhões com a venda de ativos organizados na forma de Unidades de Produção Isolada (UPIs). Dessa forma, evita-se a sucessão das dívidas da MMX para os compradores.

Além das minas, há fazendas e participações acionárias em dois terminais logísticos em Minas: Sarzedo e Paraopeba. Se tudo der certo, os credores vão receber cerca de 30% dos seus créditos em dinheiro, aceitando desconto da ordem de 70%. A dívida final da MMX poderá ser menor, dependendo de decisões que ainda serão tomadas pela Justiça. E a receita poderá ser maior, dependendo do sucesso na venda de ativos da empresa.

No plano, a Trafigura propôs um desenho que prevê a criação de uma Sociedade de Propósito Específico (SPE) que irá receber os ativos minerais da MMX Sudeste. A SPE será controlada por um Fundo de Investimento em Participações (FIP), no qual a Trafigura terá 51% e os credores que aceitarem participar do negócio, 49%.

Uma vez cumpridas condições precedentes, a Trafigura terá 60 dias para pagar R\$ 70 milhões à vista, dinheiro usado para quitar dívidas com os credores. Haverá ainda emissão de debêntures pela SPE no valor de R\$ 34 milhões as quais serão integralizadas no capital da nova empresa pelos credores interessados. Eles se tornarão sócios da SPE com 49%.

Werneck afirmou que os credores que aceitarem entrar no negócio vão participar de um projeto que poderá se valorizar no futuro. Quem não entrar na sociedade, terá de reconhecer a quitação, pela MMX, do saldo da dívida.

A lista de ativos à venda da MMX Sudeste inclui, além das minas, participação de 22,2% em cada um dos terminais logísticos: Sarzedo e Paraopeba, em Minas. Estão avaliados em R\$ 24,3 milhões. Há ainda 2,5 mil hectares em fazendas que vão a leilão, terras avaliadas em preço mínimo de R\$ 45 milhões.

O credor terá 30 dias, depois da homologação do plano pela Justiça, para dizer se quer se tornar sócio da SPE, a qual vai garantir ainda o pagamento de até R\$ 70 milhões em títulos (royalties), equivalentes a 3% da receita líquida da nova empresa. Os royalties vão começar a ser pagos a partir do momento em que a empresa produzir 6 milhões de toneladas por ano, o que está previsto para 2019. Tico-Tico e Ipê vão voltar a trabalhar de forma gradativa e se prevê que, em 2016, produzam 1 milhão de toneladas.

No mercado, a avaliação é que com o novo investimento no Brasil a Trafigura busca garantir oferta firme de minério de ferro para exportação via Porto Sudeste. O porto, que pertencia à MMX, foi comprado, em 2014, por Trafigura e Mubadala. Planejado para ter capacidade de embarcar 50 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, o porto começou a fazer esta semana, depois de três anos de atrasos, o primeiro embarque da commodity. Trata-se de um carregamento de 80 mil toneladas de minério com destino à China.

Com a crise na mineração mundial, o porto ficou sem garantias firmes de embarque. Com os preços do minério em queda, muitas expansões de produção que seriam feitas por mineradores médios em Minas Gerais foram adiadas. A crise na MMX, que parou de produzir, também afetou o porto, assim como uma decisão recente da Mineração Usiminas (Musa) de rescindir um contrato de embarque que tinha com o porto.

Em nota, a Trafigura mostrou-se otimista com o fato de sua oferta ter sido aceita pelos credores da MMX Sudeste. "Sua efetivação [da proposta], entretanto, ainda está sujeita ao cumprimento de diversas condições prévias", afirmou a companhia.

Entre essas condições, estão a aprovação pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), a transferência de funcionários da MMX para a UPI minerária e um acordo sobre os direitos minerários com os donos das minas de Tico-Tico e Ipê, que são arrendadas pela MMX. E, sobretudo, uma solução a ser negociada com o governo de Minas Gerais em relação aos problemas ambientais das minas da MMX.

## **Vendas de veículos novos têm pior agosto em nove anos**

03/09/2015 – Fonte: Valor Econômico

Com 207,3 mil unidades emplacadas, uma queda de 23,9% na comparação com o mesmo período de 2014, as vendas de veículos novos no Brasil terminaram o mês passado registrando o pior agosto em nove anos, o que agravou ainda mais o rombo provocado pela grave crise enfrentada pelas montadoras.

O resultado eleva de 21% para 21,4% a queda no consumo de veículos acumulada desde o início do ano, em conta que inclui carros de passeio, utilitários leves, caminhões e ônibus.

Assim como já tinha acontecido em junho e julho, o ritmo diário do mercado continuou estacionado abaixo da marca de 10 mil carros. Na média, as concessionárias venderam 9,5 mil automóveis e comerciais leves, como picapes, a cada dia que abriram as portas, o mesmo giro do mês anterior. Mas como agosto foi um mês mais curto para as vendas, com dois dias úteis a menos, o mês passado ficou 8,9% abaixo das vendas de julho.

No segmento de veículos pesados, a situação é ainda mais crítica, num reflexo do quadro de recessão econômica, paralisação de grandes obras e perda de confiança das empresas transportadoras, combinado ao encarecimento, com condições mais restritivas, do crédito a bens de capital do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) — um resultado da retirada de subsídios a esses financiamentos como parte do ajuste fiscal.

As vendas de caminhões em agosto foram as mais fracas para o mês em 12 anos. No total, 5,9 mil unidades foram comercializadas no mês passado, 45,8% menos do que o volume de um ano antes.

Novas paradas de produção já estão agendadas para este mês em montadoras como General Motors (GM), Volkswagen, Ford e Mitsubishi. Em Sete Lagoas (MG), a Iveco vai suspender a partir do próximo dia 16 a produção de caminhões pesados porque tem estoque para suprir o mercado até o fim do ano.

Além do mercado fraco, as montadoras reduzem o ritmo na tentativa de normalizar um alto número de automóveis e veículos de carga encalhados em pátios de fábricas e concessionárias.

Na soma de todos os segmentos, a diferença das vendas deste ano para os volumes de 2014 já passa de 476 mil veículos, o que significa a perda de praticamente sete semanas inteiras de venda. Os emplacamentos acumulados em 2015 seguem no patamar mais baixo em oito anos, quando pouco mais de 1,5 milhão de veículos tinham sido licenciados nos oito primeiros meses.

Já o resultado isolado de agosto, de 207,3 mil unidades, foi o pior para o mês desde 2006. Em igual mês daquele ano, 178,5 mil veículos tinham sido comercializados.

## **Venda de material de construção cai mais de 10% em agosto**

03/09/2015 – Fonte: Valor Econômico

As vendas de materiais de construção no mercado brasileiro voltaram a mostrar forte retração em agosto, com queda de 10,9% na comparação com o mesmo mês de 2014, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat).

Em relação a julho, porém, houve alta de 4,1%.

Diante desse desempenho, no acumulado dos oito meses até agosto, as vendas do setor recuaram 10,1%. Em 12 meses até o mês passado, a baixa é de 8,7%.

Em nota, o presidente da Abramat, Walter Cover, afirma que a demanda por materiais de construção pode ter alcançado o fundo do poço. "O mercado continua deprimido", diz o executivo.

"Como prevíamos, as vendas de materiais de acabamento estão e devem continuar apresentando uma queda maior que os produtos de base nesse restante do ano, em função do final do ciclo imobiliário iniciado em 2012/2013", disse.

A Abramat projeta retração de 7% nas vendas em 2015.

## **Custo da construção paulista tem leve queda em agosto, diz Sinduscon**

03/09/2015 – Fonte: Valor Econômico

O custo unitário básico (CUB) da construção paulista das obras incluídas na desoneração teve leve queda de 0,04% em agosto ante julho, para R\$ 1.135,77 por metro quadrado, conforme o Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (Sinduscon-SP).

De acordo com o levantamento, os custos médios com materiais de construção caíram 0,17%, as despesas com mão de obra ficaram estáveis e os custos administrativos cresceram 0,79%, na mesma base de comparação. No ano, o CUB acumula alta de 4,39%.

O Sinduscon-SP informa também o CUB das obras não incluídas na desoneração da folha de pagamentos. Esse indicador teve queda de 0,04% em agosto, para R\$ 1.222,79 por metro quadrado. Os custos de materiais caíram 0,17%, os de mão de obra ficaram estáveis e as despesas administrativas aumentaram 0,79%.

O CUB das obras não incluídas na desoneração da folha de pagamento acumula elevação de 4,55% no ano.

## **Importação atinge menor nível desde 2010**

03/09/2015 – Fonte: Valor Econômico

O estado de letargia da atividade econômica ainda tem sido preponderante na recuperação da balança comercial. As importações atingiram em agosto o menor nível em 66 meses. Foram US\$ 12,796 bilhões em produtos trazidos do exterior - o valor mais baixo desde fevereiro de 2010.

Essa fraqueza da economia interna, aliada ao encarecimento dos importados com o dólar mais alto, foi decisiva para um bom resultado. Houve superávit de US\$ 2,689 bilhões em agosto e um saldo de US\$ 7,297 bilhões no acumulado dos oito primeiros meses do ano. Ambos representam os melhores desempenhos desde 2012. A estimativa do Ministério do

Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior continua sendo de superávit entre US\$ 10 bilhões e US\$ 12 bilhões neste ano.

Ainda não há muitos motivos, entretanto, para comemorar essa recuperação. Apesar da desvalorização do real, as exportações brasileiras não aumentaram para nenhum grande país ou bloco econômico, entre janeiro e agosto. À exceção do Oriente Médio, onde houve rigorosa estabilidade, as vendas encolheram para os principais parceiros comerciais - tanto para mercados que absorvem mais commodities, como a China (-19,7%), e quanto destinos de produtos industrializados, como o Mercosul (-16,2%).

Dados divulgados ontem pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) mostram que houve queda de 16,7% nas exportações totais nos primeiros oito meses do ano. Para o diretor de estatística e apoio às exportações do ministério, Herlon Brandão, é preciso fazer uma ressalva: os embarques tiveram aumento de 6,3% em quantidade, mas sofrem com o recuo de 21,3% nos preços.

Sem fazer relações com a depreciação cambial, Brandão elencou uma série de movimentos que dão ânimo à balança. Entre janeiro e agosto, por exemplo, as exportações de manufaturados para os Estados Unidos cresceram 6,9%.

O volume embarcado de soja - 45,8 milhões de toneladas - já supera toda a marca do ano passado. A indústria automotiva, que sofre com o esfriamento do mercado interno e sofre com a capacidade ociosa, já tem exportado com mais força.

Até agosto, as montadoras instaladas no país exportaram 263,9 mil unidades no acumulado do ano. Isso representa um aumento de 5,9% sobre os 249,2 mil veículos que foram embarcados no mesmo período de 2014. México e Argentina puxaram o crescimento mais recente das vendas.

No mês passado, quando ficaram no menor nível em mais de cinco anos, as importações caíram 33,7% na comparação com igual período de 2014. O tombo chega a 21,3% no acumulado do ano.

Esse recuo pode ser dividido em duas partes. Numa delas, o Brasil também tira proveito do colapso das commodities, reduzindo o déficit da chamada conta-petróleo. Graças ao derretimento das cotações internacionais do barril, as compras de petróleo e derivados diminuíram de US\$ 10,878 bilhões (janeiro-agosto de 2014) para US\$ 3,210 bilhões (janeiro-agosto de 2015).

Outras categorias de importados diretamente relacionadas ao desempenho da economia também despencaram. A queda em relação aos oito primeiros meses do ano passado abrange bens de consumo (-14,6%), bens de capital (-15,8%) e matérias-primas e intermediários usados pela indústria (-17,8%). Ainda falta uma resposta sobre quanto disso reflete a recessão e quanto uma eventual substituição de importados.

Durante a entrevista, Brandão minimizou os impactos da desvalorização do yuan, lembrando que mudanças na taxa de câmbio em outros países também devem ser consideradas em qualquer análise.

Ele chamou a atenção para a depreciação do real. "É preciso ver a posição relativa das moedas", ressaltou o técnico. De qualquer forma, ele relevou as mudanças na moeda chinesa. "Esses efeitos cambiais demoram para se refletir", disse o diretor do departamento, sem se arriscar a análises mais prolongadas. "É algo que não se pode perceber imediatamente".



## **Economia mundial perde força, diz o FMI**

03/09/2015 – Fonte: Valor Econômico

O crescimento econômico mundial provavelmente será mais fraco do que anteriormente esperado, disse ontem Christine Lagarde, a diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional. Segundo ela, as causas da desaceleração são uma recuperação mais lenta nas economias avançadas e um desaquecimento econômico nos países emergentes.

Lagarde advertiu também as economias emergentes para que "fiquem vigilantes diante de possíveis contágios" devido à freada da China, ao maior aperto nas condições financeiras mundiais e às perspectivas de uma alta dos juros nos Estados Unidos.

"No geral, acreditamos que o crescimento mundial deverá manter-se moderado e provavelmente mais fraco do que o previsto em julho passado", afirmou Lagarde a estudantes universitários no início de uma visita de dois dias à capital da Indonésia, Jacarta.

Em julho, o FMI previu um crescimento mundial de 3,3% para este ano, ligeiramente abaixo dos 3,4% no ano passado.

Lagarde disse que a economia chinesa está desacelerando, embora não fortemente nem de forma inesperada, ao ajustar-se a um novo modelo de crescimento.

"A transição para uma economia mais baseada no mercado e a reversão de riscos acumulados nos últimos anos é complexa e seu percurso poderá sofrer alguns solavancos", afirmou ela. "Dito isso, as autoridades têm à disposição ferramentas de política econômica e amortecedores financeiros para administrar essa transição."

Em visita à Indonésia pela primeira vez em três anos, a diretora-gerente do Fundo disse que a maior economia no Sudeste Asiático dispõe das "ferramentas apropriadas para reagir efetivamente" à volatilidade mundial.

"Vocês têm finanças públicas muito sólidas com dívida pública total na faixa dos 20% em relação ao PIB. Vocês têm um déficit relativamente pequeno", disse ela antes de reunir-se com o presidente indonésio, Joko Widodo.

## **Indústria de defensivos projeta queda nas vendas mesmo com safra recorde**

03/09/2015 – Fonte: Reuters

O setor de defensivos agrícolas se prepara para um segundo semestre de vendas reduzidas, mesmo em meio ao plantio de uma safra de grãos recorde, devido a efeitos da alta do dólar e de estoques acumulados pelos produtores rurais.

"Como teve infestação (de pragas) mais baixa que o esperado na última safra, os agricultores estão estocados, principalmente de herbicidas e inseticidas. Isso deve refletir em baixa nas vendas", disse à Reuters a vice-presidente-executiva do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg), Silvia Fagnani.

Ao contrário de sementes e fertilizantes, cujas compras e entregas precisam ser praticamente finalizadas antes do plantio, a demanda por produtos como herbicidas, inseticidas e fungicidas flutua ao longo da safra, de acordo com a ocorrência de pragas e doenças nas lavouras.

O faturamento com as vendas de defensivos entre janeiro e junho ficaram em 2,7 bilhões de dólares, 25 por cento abaixo do mesmo período de 2014, segundo estatísticas recentes do Sindiveg.

"Essa tendência deve se confirmar também no segundo semestre", disse a executiva. O Brasil começa a plantar em meados deste mês a safra de soja 2015/16, que segundo consultorias deverá ter uma leve elevação de área.

Da queda registrada no primeiro semestre, segundo o sindicato, 15 pontos percentuais aproximadamente foram decorrentes da alta do dólar, que encarece os produtos. Boa parte das matérias-primas usadas na formulação são importadas. O dólar acumula alta de mais de 60 por cento ante o real nos últimos 12 meses.

As empresas do setor têm tentado manter os preços em reais repassados às revendas e agricultores, o que ajuda a diminuir o faturamento em dólares, disse o Sindiveg. "O grande impacto é porque a gente não está repassando a taxa do dólar. Até o fim do ano isso deve ser mantido", projetou a executiva.

Entraves na liberação de crédito nos bancos, que respondem por parte do custeio dos insumos, também preocupam a indústria de defensivos.

"A gente tem verificado problema na liberação do crédito. Isso vai refletir nas vendas para a safra", disse Silvia, que preferiu não projetar uma taxa recuo na comercialização no segundo semestre.

## **Vale obtém liminar para retomar mineração de níquel em Onça Puma**

03/09/2015 – Fonte: Reuters

A Vale informou nesta quarta-feira que obteve na segunda-feira liminar suspendendo a decisão judicial que paralisava as atividades de mineração do empreendimento de níquel de Onça Puma, no Pará, desde meados do mês passado.

A mineradora disse ainda que foi suspensa a determinação para o pagamento de 3 milhões de reais para as Associações Indígenas Xikrin do Catete, que constava da mesma sentença.

Segundo a decisão anterior, do Tribunal de Regional Federal (TRF) da 1ª Região, as operações da Vale teriam que ficar suspensas até a companhia comprovar que foram tomadas medidas compensatórias para os indígenas.

A mineradora disse, em nota, que uma análise da água do rio Cateté, que banha terras indígenas, não demonstrou a contaminação por níquel e que a presença de elementos dissolvidos decorre da condição geológica da área.

"Assim, eventuais prejuízos à qualidade da água não têm qualquer relação com a atividade da Vale na região", disse a mineradora.

A decisão que determinou a imediata suspensão das atividades era de 6 de agosto, mas foi publicada no Diário Oficial da Justiça em 14 de agosto.

A Vale não informou o volume que deixou de ser produzido durante a suspensão, nem a data exata da retomada das atividades em Onça Puma.

A produção de níquel da Vale em Onça Puma somou 5,9 mil toneladas no segundo trimestre de 2015, pouco menos de 10 por cento do total produzido pela mineradora no período.

A Vale, maior produtora global de minério de ferro do mundo, está entre as maiores também em níquel, com operações no Canadá, Indonésia e Nova Caledônia, além do Brasil.

## **Canadian Solar, SunEdison e chinesa BYD vão fabricar painéis solares no Brasil**

03/09/2015 – Fonte: Reuters

A canadense Canadian Solar, a norte-americana SunEdison e a chinesa BYD já estão em negociações avançadas e devem anunciar em breve investimentos em fábricas de painéis solares fotovoltaicos no Brasil, disseram representantes das empresas presentes em uma feira do setor em São Paulo nesta quarta-feira.

As companhias correm para atender a um mercado em expansão, com o alto interesse em investimentos em energia solar, que caiu nas graças do governo neste ano e deve ter leilões anuais, além de um plano de estímulo a instalações de menor porte, em telhados.

Esses primeiros investimentos estrangeiros em unidades locais também visam atender a uma exigência para que a compra dos equipamentos possa ser financiada em condições mais favoráveis pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), um diferencial importante em um momento em que as elevadas taxas de juros brasileiras e a disparada do câmbio dificultam outras alternativas de captação de recursos pelos investidores em usinas.

O BNDES criou um programa de aumento gradual do índice de nacionalização dos painéis solares, que no início precisarão de praticamente apenas componentes menores e montagem locais.

Nos dois primeiros leilões para energia solar promovidos no país, um na semana passada e um em outubro de 2014, foram contratados um total de 2 gigawatts em potência instalada, em empreendimentos a serem implementados até 2017.

"OPORTUNIDADE MUITO BOA"

A SunEdison, que viabilizou usinas em parceria com a brasileira Renova em ambos os leilões, promete revelar "nas próximas semanas" os planos para uma fábrica de painéis, segundo o diretor da empresa no país, Luis Pita.

"Achamos que vai ser uma oportunidade muito boa no mercado... é uma decisão interna que tem que ser tomada nas próximas semanas. Estamos avaliando, com base no resultado dos últimos leilões, a demanda que podemos ter, avaliando o tamanho da fábrica", disse Pita.

Segundo o executivo, a planta precisaria estar em operação plena em 2016, o que permitiria fornecer os módulos solares para as usinas construídas com a Renova.

O gerente geral para as Américas da Canadian Solar, Thomas Koerner, disse que a empresa também instalará uma fábrica no Brasil para produzir equipamentos.

A companhia canadense, assim como a SunEdison, comercializou a energia de usinas solares nos certames promovidos pelo governo, e com uma unidade local pretende fornecer para esses e outros empreendimentos.

"Decidimos estar no Brasil como uma estratégia de longo prazo, um plano de longo prazo olhando para toda a América do Sul", disse Koerner à Reuters, destacando que o escritório da empresa em São Paulo já fecha vendas para outros países da região, como Chile e Argentina.

Ele disse que ainda não é possível revelar onde será a fábrica e quando esta deve iniciar a operação, mas lembrou que o cronograma deverá permitir que a unidade forneça para as usinas projetadas no país, que precisam estar prontas em 2017.

Outro investidor que já negocia a entrada no setor é a chinesa BYD, que pretende anunciar oficialmente a construção de uma planta de módulos fotovoltaicos no Brasil até o segundo trimestre de 2016.

A companhia já possui uma fábrica de ônibus elétricos em Campinas (SP) e assinou recentemente um memorando de entendimento para investir 150 milhões de reais na unidade voltada à indústria solar.

"Estamos negociando parcerias para fornecer às empresas que participam dos leilões", disse a gerente de Marketing da BYD Brasil, Joanne Wei.

O investimento em unidades no país, no entanto, ainda não é uma unanimidade. O gerente de vendas no Brasil da também chinesa Jinko Solar, Rafael Rieiro, disse que a empresa passou seis meses estudando essa alternativa, mas preferiu apostar nas importações, ao menos por hora.

"Hoje, nossos clientes não querem pagar mais para ter um produto fabricado no Brasil", explicou Rieiro, que estima que, ao menos metade das usinas viabilizadas no último leilão solar promovido pelo governo, deverão usar equipamentos vindos de fora.

#### BRASILEIRAS TAMBÉM ENTRAM NO NICHOS

Além das grandes fornecedoras estrangeiras, o crescimento da indústria solar atraiu o interesse também de investidores brasileiros, que já começaram a abrir as primeiras fábricas locais de módulos.

A Globo Brasil iniciou a produção há três meses em Valinhos, no interior de São Paulo, com capacidade de 180 megawatts ao ano.

"Temos capacidade para atender grandes usinas e também instalações menores, que têm um volume maior", disse a responsável pelo departamento de Planejamento da empresa, Elaine Degaspari.

Já a Pure Energy pretende iniciar operações em Alagoas em dezembro deste ano, com capacidade de 60 megawatts ao ano, também de olho no fornecimento para projetos de todos os portes, segundo a gerente comercial Michelly Chaves.

A aposta das brasileiras é na venda com financiamento pelo BNDES, que já credenciou os painéis da Globo e financiou em 30 milhões de reais a unidade da Pure Energy.

Especialistas, no entanto, acreditam que essas empresas devem ganhar mais força nas vendas para pequenos consumidores e comércios, para instalações em telhados, enquanto as usinas de leilões devem buscar fabricantes de maior porte.

"Quem vende em leilão é mais complicado. Você tem que atender determinados padrões de geração, então fica difícil você de repente tentar minimizar custo pegando um fabricante local que esteja começando. A informação que você tem sobre ele é muito pequena", disse o consultor Josué Ferreira, da Excelência Energética.

Ele afirmou, no entanto, que a tecnologia solar já é dominada e não deve ter dificuldades em ser replicada no país. "Com o desenvolvimento do mercado, você vai começar a ter essas alternativas".

## **Acordo automotivo com Colômbia deve ser fechado na semana que vem, diz Anfavea**

03/09/2015 – Fonte: EM.com

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, afirmou nesta quarta-feira, 2, em conversa com jornalistas na capital gaúcha, que o acordo automotivo do Brasil com a Colômbia deve ser fechado na semana que vem, em reunião com representantes dos dois países a ser realizada em Brasília.

Moan não confirmou a cota para a qual a alíquota de importação será zerada para os dois lados. Disse apenas que hoje o Brasil vende cerca de 8 mil unidades de veículos para o país vizinho e que a expectativa é de que este número suba para 12 mil ao ano, inicialmente.

O acordo vem sendo costurado há meses pelo ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior brasileiro, Armando Monteiro, e pela ministra do Comércio, Indústria e Turismo da Colômbia, Cecilia Álvarez.

Moan também elogiou a atuação de Monteiro na renovação do acordo automotivo com o Uruguai, anunciada esta semana, que vai intensificar a comercialização de veículos. Até agora, o acerto era que o Brasil poderia vender ao Uruguai, sem pagar imposto de importação, uma cota de 8,5 mil unidades entre junho de 2015 e julho de 2016.

Com o novo acordo, a cota anterior passa a valer apenas para o segundo semestre, o que, na prática, vai aumentar o fluxo de vendas. Segundo Moan, alcançar a cota semestral será desafiador, mas possível.

Ele disse que aumentar as exportações é importante não só por causa do desaquecimento da demanda interna, mas também para proteger as empresas da volatilidade cambial. "Exportando você tem um hedge natural.

Eu diria que o ponto ideal seria o que já tivemos em 2004 e 2005, quando exportávamos 30% da produção (média do setor). Hoje este índice está em 13% ou 14%", revelou. Ele acredita que os dois acordos recentes - com Colômbia e Uruguai - tem potencial para elevar em até 2 pontos percentuais a média de embarques do setor.

### **Mercado interno**

Moan comentou os dados divulgados pela Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), que apontam que a comercialização de automóveis e comerciais leves ficou em 199.853 unidades em agosto, queda de 8,91% em relação a julho. "O número absoluto caiu, mas o que vale para gente é a venda média diária, que vem se mantendo estável", disse.

Segundo ele, o estoque de montadoras e concessionárias está em torno 42 dias. "No final de julho tínhamos previsto que teríamos mais dois meses e meio de ajuste de produção. Agosto já foi um mês, setembro será outro, durando até a metade de outubro", falou.

O presidente da Anfavea também voltou a dizer que o mercado interno começará a reagir "de uma forma mais sustentável" no final do segundo trimestre do ano que vem.

## **Cresce número de empresas que perdem espaço para concorrência chinesa, diz CNI**

03/09/2015 – Fonte: EM.com

Cresceu nos últimos anos o número de empresas brasileiras perdendo espaço para a concorrência chinesa no mercado doméstico, segundo um novo estudo da Confederação Nacional da Indústria (CNI) com mais de 2 mil empresas.

Em 2010, 30% das indústrias locais experimentavam a competição com produtos da China, e dessas, 45% diziam estar perdendo mercado, o que representa 14% do total de empresas. Em 2014, caiu o número de empresas expostas a essa concorrência (28%), mas subiu as que perderam espaço, para 57%, o que representa 16% do geral.

A concorrência com a China pelo mercado brasileiro é mais sentida quanto maior o porte da empresa. Entre as grandes empresas, 38% concorrem com produtos importados do país. Entre as pequenas, o percentual é de 20%.

Essa proporção varia também dependendo do setor, sendo maior em Produtos diversos (65%), seguida por Têxteis (61%), Informática e eletrônicos (61%), Metalurgia (56%) e Vestuário (51%).

No âmbito do mercado internacional, 24% das indústrias brasileiras dizem exportar, e dessas, 54% percebem a concorrência com a China. Em 2010, 31% eram exportadoras e 54% concorriam com os chineses. Entre as exportadoras que disputaram com os rivais asiáticos em 2014, 59% relataram perda de clientes e 11% deixaram de exportar. Apenas 4% dizem ter conquistado novas vendas, enquanto para 26% a situação se manteve estável.

Novamente, a concorrência com os chineses no mercado internacional é mais forte em Produtos Diversos (41%), seguida por Calçados (30%), Outros equipamentos de transporte (28%), Veículos automotores (27%), Metalurgia (25%) e Máquinas e equipamentos (25%).

Entre as empresas que adotam estratégias para obter vantagens na competição com os chineses, 51% investem na qualidade/design dos produtos, 50% reduzem custos e 40% buscam ações de marketing para diferenciar sua marca.

Já o percentual das empresas industriais que declaram importar itens da China ficou estável em cerca de 40% de 2010 para 2014. Do total de indústrias, no ano passado 18% compravam matéria-prima chinesa, 9% produtos finais e 9% máquinas e equipamentos. Nos três setores, a maioria espera estabilidade nessas importações (55% em matéria-prima, 51% em produtos finais e 45% em máquinas).

Subtraindo o percentual dos que esperam alta nas importações daqueles que preveem queda, o único segmento com saldo positivo foi o de Farmacêuticos (33 pontos percentuais), ou seja, esse tipo de compra deve aumentar nos próximos seis meses. Já Metalurgia teve a maior diferença negativa (-26 pp), o que indica que o segmento deve reduzir as importações de insumos da China.

Considerando apenas as empresas que importam matérias-primas, os setores de atividades com maior proporção de compradores de itens chineses são Informática, eletrônicos e ópticos (65%), Farmacêuticos (56%) e Máquinas e materiais elétricos (44%).

Enquanto isso, apenas 5% das empresas brasileiras têm presença no território chinês, entretanto, a maioria prefere operar no país por meio de terceirização (3% do total). Na

divisão por porte, a participação física no mercado chinês é maior entre as grandes companhias (10%).

### **Depois da Mercedes, outras 3 empresas do setor negociam adesão ao PPE, diz Moan**

03/09/2015 – Fonte: EM.com

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, afirmou nesta quarta-feira, 2, que pelo menos três empresas do setor - entre montadoras e fabricantes de autopeças - estão negociando com os sindicatos para aderir ao Programa de Proteção ao Emprego (PPE) do governo federal.

"Quem começa a negociar é porque quer participar. Acredito que os acordos devem ser fechados ainda em setembro", disse em conversa com um grupo de jornalistas na capital gaúcha.

O programa, anunciado pelo governo no início de julho, permite a redução da jornada de trabalho e dos salários dos empregados na indústria em até 30% em tempos de crise ou de queda expressiva de produção. Para o empregado, o salário pode ser cortado em até 15%, já que haverá complementação do valor com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

Na semana passada, a Mercedes-Benz foi a primeira montadora a aderir, evitando a demissão de mais de 1 mil funcionários. Foi acordada uma redução da jornada de trabalho em 20%, o que ocasionará um corte de salário de 10%.

Moan elogiou o programa, que ele considera um instrumento adicional de proteção ao emprego mais moderno e flexível do que o lay-off, por exemplo. "No caso do lay-off você pega um grupo de funcionários e deixa eles em casa sem fazer nada. O PPE permite manter o vínculo do trabalhador com a empresa."

Além disso, ele acrescentou que o novo programa é "pró-ajuste fiscal", já que o governo gasta menos com a complementação salarial do PPE do que no regime de lay-off. "Eu gostaria mesmo que esta medida fosse permanente no Brasil, porque as crises vêm e vão", afirmou.

Ele também falou que outros setores da economia tendem a aderir ao PPE. "Talvez a Anfavea tenha aberto a porta, mas outros setores estão estudando."

### **IC-Br de agosto sobe 4,43% e tem maior nível da série histórica iniciada em 1998**

03/09/2015 – Fonte: EM.com

A alta do dólar, dos preços agrícolas e dos metais fez com que o Índice de Commodities do Banco Central (IC-Br) subisse 4,43% em agosto, na margem, segundo informou há pouco a instituição. O indicador passou de 162,67 pontos para 169,87 pontos, o maior patamar da série histórica iniciada em janeiro de 1998.

A elevação do indicador se dá pelo segundo mês consecutivo, já que em junho havia sido registrado estabilidade (-0,01%) dos preços dos produtos básicos que mais afetam a inflação no Brasil.

Ao longo de todo o ano passado, o indicador subiu 5,47%. Em janeiro de 2015, caiu 5,14%; em fevereiro, avançou 4,97% e, em março, disparou, 7,88%. Em abril foi registrada queda de 2,14%. Em maio, houve alta de 0,76%.

No trimestre de junho a agosto deste ano, o índice acumula avanço de 7,31% e, em 12 meses, de 22,70%. No acumulado do ano, há uma elevação de 13,67%. Para efeitos de comparação, o BC também divulga em seu documento que o indicador internacional de commodities, o CRB, subiu 6,98% na comparação mensal, e segue em alta de 10,01% na variação trimestral. Em 12 meses, mantém-se no terreno positivo (30,51%), assim como no acumulado do ano (21,88%).

O grupo energia foi o único a apresentar retração, de 0,03%, na comparação mensal. Esse grupo tem queda de 6,66% nos três meses encerrados em agosto e recuo de 14,18% em 12 meses. No acumulado do ano, no entanto, a alta verificada é de 5,02%. Neste segmento, estão inclusos preços de gás natural, carvão e petróleo.

No caso dos preços de metais - alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo e níquel -, a alta em agosto foi de 4,58% na margem, enquanto no trimestre, houve uma perda de 0,92%. Em 12 meses, a alta é de 13,08% e, no acumulado do ano, de 7,46%.

Ainda sobre o mês passado, o segmento agropecuário teve alta de 5,00% na margem em agosto. Itens como carne de boi, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, café, arroz e carne de porco, entre outros, subiram 11,58% no trimestre. No acumulado de 12 meses, o grupo tem elevação de 33,28% e, no ano, o indicador está positivo em 16,51%.

### **Encomendas à indústria dos EUA sobem 0,4% em julho, menos que o esperado**

03/09/2015 – Fonte: EM.com

As encomendas à indústria dos Estados Unidos tiveram crescimento de 0,4% em julho na comparação com o mês anterior, informou o Departamento do Comércio. O resultado, que marcou o segundo mês consecutivo de alta, veio abaixo da expectativa de analistas consultados pela Dow Jones Newswires, que previam aumento de 0,9% nas encomendas.

O dado de julho foi impulsionado pelo aumento da demanda por máquinas de construção e peças de automóveis.

Excluindo-se o setor de transportes, as encomendas à indústria tiveram queda de 0,6% em julho ante junho. Sem o setor de defesa, houve recuo mensal de 0,2%.

### **Dados da produção industrial traduzem rigidez do ajuste, diz André Perfeito**

03/09/2015 – Fonte: EM.com

O economista-chefe da Gradual Investimentos, André Perfeito, comentou que os dados divulgados nesta quarta-feira, 2, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a produção industrial do País dão evidências de que ocorrerá uma desaceleração mais forte da economia nos próximos períodos.

"Começamos o terceiro trimestre com o pé esquerdo. Os empresários continuam sem confiança para com a economia brasileira e a tendência é de a atividade industrial só piorar", afirmou.

Ele achou preocupante o resultado da produção da indústria de bens de capital em julho, que recuou 1,9% ante junho e 27,8% ante julho de 2014, acumulando uma retração de 20,9% no ano e de 16,8% em 12 meses. "O comportamento é reflexo dos ajustes do governo que têm se demonstrado fortes para a indústria", ressaltou.

Outro dado "muito preocupante" na avaliação do especialista é que a comparação anual



do resultado geral da produção da indústria foi a maior para o mês desde 2009, quando houve queda de 10%.

Perfeito acredita que hoje o Comitê de Política Monetária (Copom) irá decidir por elevar em 0,25 ponto porcentual a taxa de juros básica (Selic), mesmo que os dados da produção industrial estejam muito ruins e que o setor tenha conclamado a interrupção do movimento de alta do indicador.

"Os olhos estão voltados para 2016 e agora com a informação de que há a possibilidade de não termos superávit primário no ano que vem, a decisão será pelo aumento dos juros. Além disso, o Copom, com esse novo aumento, tentará ancorar um pouco as expectativas para 2016", avaliou.

### **Camex mantém zerado Imposto de Importação sobre tratores para semirreboques**

03/09/2015 – Fonte: EM.com

A Câmara de Comércio Exterior (Camex) prorrogou redução tarifária para dois tipos de tratores rodoviários para semirreboques, incluídos na Lista de Exceções à Tarifa Externa Comum (Letec). Com a decisão, a alíquota do Imposto de Importação continuará zerada até 31 de dezembro deste ano.

O imposto sobre o produto, cuja alíquota original é de 35%, foi retirado em setembro do ano passado. A prorrogação do benefício está publicada em resolução no Diário Oficial da União (DOU).

A Camex também alterou para 2% as alíquotas do Imposto de Importação incidentes sobre nove bens de informática e sobre uma série de bens de capital, todos na condição de ex-tarifários. Também zerou o tributo para outros dois bens de capital: dois tipos de combinações de máquinas, de aplicação exclusivamente ferroviária, para locomotivas diesel-elétricas.

O imposto menor terá vigência até 31 de dezembro de 2017, tanto para os itens de informática quanto para os bens de capital. No caso dos produtos com alíquota zerada, o benefício valerá até 31 de dezembro de 2016. Sem a redução, as alíquotas originais sobre os produtos são variadas, como 8%, 12% e 14%.

### **BMW, Audi e Mercedes ganham aprovação para comprar Here**

03/09/2015 – Fonte: Exame

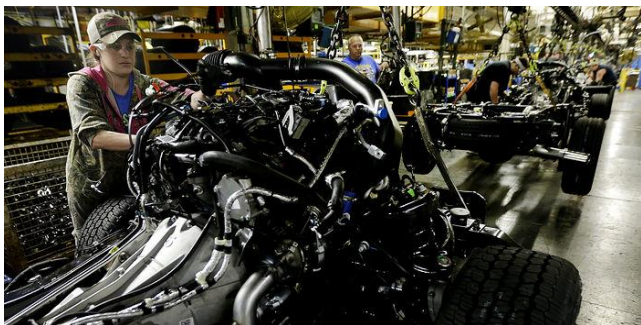
As montadoras alemãs BMW, Audi e Mercedes receberam aprovação antitruste dos Estados Unidos para comprar o negócio de mapas da Nokia por cerca de 2,5 bilhões de euros, disse a Comissão Federal de Comércio (FTC, na sigla em inglês) nesta quarta-feira.

O acordo, anunciado no início de agosto, estava na lista da FTC de transações não controversas que receberam a aprovação do órgão ou do Departamento de Justiça.

As duas agências compartilham o trabalho de aplicação de leis antitruste. As três montadoras terão fatias equivalentes no negócio, conhecido como Here, que permite às fabricantes oferecer novos recursos premium, como direção autônoma em carros, abalando a ordem de atuação entre montadoras, fornecedoras de peças e rivais de software como Uber e Google.

## Cenário da economia global se mantém após duas semanas de turbulências

03/09/2015 – Fonte: The Wall Street Journal



As últimas duas semanas foram caóticas para os mercados e deixaram alguns investidores mais pobres e com os nervos à flor da pele. Além disso, o que mais aprendemos?

Primeiro: a economia dos Estados Unidos está bem, os mercados emergentes não estão e o resto do mundo está em algum ponto entre esses dois extremos. Essas tendências eram evidentes há duas semanas. Agora, elas estão ainda mais em destaque.

Em segundo lugar, a tarefa do Federal Reserve, o banco central americano, está ficando mais difícil. Os argumentos tanto a favor quanto contra elevar os juros nos EUA se fortaleceram, criando uma tensão e incerteza que estão agitando os mercados.

É fácil misturar os eventos do mercado com os econômicos. Uma queda de 1.000 pontos na Média Industrial Dow Jones chama a atenção de qualquer um. Ainda assim, correções de 10% ou mais nas bolsas são rotineiras.

Então, por que tal correção poderia provocar tanto alarme? Ao agregar informações de milhares de empresas, o mercado pode estar nos dizendo algo novo sobre a saúde da economia. Além disso, os movimentos do mercado podem, por si próprios, gerar estresse econômico ao destruir riqueza ou alterar a capacidade das empresas ou das pessoas de captar recursos.

Por esses critérios, é difícil concluir que a queda das bolsas de valores indica uma séria desaceleração da economia ou recessão nos EUA. Os indicadores econômicos que normalmente notariam os primeiros sinais de problema, como o número de novos pedidos de seguro-desemprego, estão estáveis ou melhorando.

Globalmente, gerentes de compra tanto do setor de serviços como da manufatura registraram um crescimento contínuo nas novas encomendas durante as últimas semanas, segundo pesquisas compiladas pela Markit.

A queda dos mercados pulverizou US\$ 2 trilhões em riqueza das famílias. Isso parece muito, mas não é em termos percentuais. Os gastos dos lares não reagem tão fortemente a tais movimentos precisamente porque eles são tão comuns. Segundo o [J.P. Morgan](#), o recuo irá reduzir em 0,25 ponto percentual o crescimento dos gastos dos consumidores em cada um dos próximos dois anos, declínio semelhante à alta que os preços menores da gasolina devem proporcionar.

Será que as turbulências dos mercados podem, por si só, abalar a economia? O índice de volatilidade do mercado de ações americano, o Vix, que é derivado dos preços das opções, deu um salto. Mas os tipos de problemas perigosos no centro do sistema

financeiro, como aqueles que atingiram a economia em 2007 e 2008, estão em grande parte ausentes.

Um índice de estresse financeiro compilado pela regional do Fed em St. Louis que combina índices de ações com uma série de outros, como de títulos de dívida e mercados monetários, subiu, mas permanece abaixo do normal.

E o resto do mundo? A economia chinesa está perdendo fôlego, provavelmente mais do que mostra a meta oficial de crescimento em 2015, de 7%. Mas medidas alternativas, como a produção industrial, exageram a desaceleração porque a economia da China está migrando para o setor de serviços, mais dependente de mão de obra intensiva. Este é um dos motivos por que o mercado de trabalho chinês não parece ter sido afetado (embora os dados de emprego da China sejam imprecisos).

O esvaziamento da bolha acionária da China não deve ter um impacto econômico maior que sua formação. A consultoria local Gavekal Dragonomics observa que as ações representam apenas 5% da riqueza das famílias chinesas.

Além disso, a emissão de ações não é uma fonte de captação significativa para as empresas da China. Os preços dos imóveis são muito mais importantes para a riqueza das famílias e como garantia para empréstimos bancários. Os preços e as vendas no mercado imobiliário se recuperaram recentemente devido a juros menores e menos restrições aos compradores.

A decisão do Banco Popular da China, o banco central do país, de desvalorizar o yuan tem um saldo negativo para o resto do mundo porque afetará as exportações de países que competem com a China. Mas, a 3% até agora, o recuo da moeda chinesa não vai transformar o mercado.

Então, por que tanta confusão? Em grande parte, porque aqueles de fora da China não sabem se a medida foi um esforço genuíno para alinhar o câmbio às forças de mercado, como afirma o BPC, ou uma resposta desesperada dos líderes políticos em face de uma economia se desacelerando mais rapidamente que o esperado.

As duas respostas podem ser verdadeiras, mas as políticas chinesas são tão opacas que ninguém tem certeza. A China, afirma a Gavekal, está “promovendo uma agenda oportunista conduzida, em grande parte, por considerações políticas nacionalistas [...] Isso significa que as decisões políticas chinesas estão se tornando menos previsíveis e que a possibilidade de conflitos entre metas políticas e fundamentos econômicos está crescendo”. Um grupo de países — os mercados emergentes dependentes de commodities — tem visto a situação piorar com os recentes eventos do mercado.

É um cenário há muito anunciado. Um boom épico nos preços das commodities vem se desfazendo desde 2011. Mas os preços não estão caindo apenas devido ao enfraquecimento da demanda da China, mas também por causa da alta da oferta dos produtores, principalmente de petróleo.

Logo, em vez de um saldo negativo para o mundo, esse recuo deve ser visto como negativo para exportadores de commodities, como Brasil, Rússia e Canadá, e positivo para importadores, como Índia e EUA.

Embora haja pouca razão para concluir que a economia global esteja prestes a naufragar, a recente agitação expõe algumas fragilidades. A mais importante está relacionada ao que o Fed irá fazer agora.

Durante todo o ano, o banco central sinalizou que elevaria ainda este ano os juros de curto prazo, que desde 2008 estão próximos de zero. O desemprego nos EUA caiu para 5,3%, perto do considerado normal, o que torna taxas anormais menos justificáveis.

Dados recentes dão mais respaldo a uma alta dos juros. O crescimento econômico dos EUA no segundo trimestre foi revisado para uma taxa anualizada de 3,7%, o que alçou a 2,1% o avanço no primeiro semestre, bem mais que a estimativa anterior. Dados de vendas no varejo, imóveis e emprego têm sido relativamente favoráveis, assim como relatos informais de empresas.

O problema é que a inflação, já abaixo de 2% ao ano, a meta do Fed, está caindo ainda mais. O Departamento do Comércio dos EUA informou que, excluindo alimentos e combustíveis, ela ficou em 1,2% ao ano em julho, sendo que a recente queda do petróleo e a alta do dólar podem deixá-la ainda menor.

Historicamente, o Fed eleva os juros quando a economia está em aceleração, o que não é o caso atual. E, se a alta nos juros provocar turbulências, o Fed e seus parceiros mundiais estarão menos equipados para reagir.